

A PRIORIDADE MORAL

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IstoÉ-Senhor, 28.9.1988

Nos anos cinquenta, quando comecei a me interessar pela ciência política, aprendi que o desenvolvimento político de uma sociedade pode ser medido pela maneira pela qual os eleitores votam: se o voto é dado a um candidato de acordo com critérios pessoais e populistas o país seria subdesenvolvido politicamente, ocorrendo o oposto se o voto obedecesse a critérios ideológicos. Essa concepção de desenvolvimento político continua válida para mim, mas entendo hoje que há uma preliminar - à qual não dava tanta importância no passado - que é absolutamente essencial: a qualidade moral dos candidatos.

É fundamental que o eleitor tome sua decisão a partir de princípios. Por isso o voto ideológico é um critério básico de desenvolvimento político. Em todas as democracias consolidadas do mundo o critério ideológico tem um papel decisivo. Os Estados Unidos, devido à adoção do regime presidencialista, representa até um certo ponto uma exceção à regra. Mas mesmo lá existe uma razoável diferença ideológica entre os eleitores do Partido Democrata e do Republicano.

Entretanto, prévio e prioritário ao critério ideológico está sempre o critério moral. Em qualquer um dos países desenvolvidos do mundo seria inconcebível que um dos grandes partidos lançasse um candidato reconhecidamente desonesto. E mais inconcebível ainda seria que os eleitores votassem nesse candidato. O passado de cada candidato é escrutinado exaustivamente. E só depois de ter passado pelo crivo moral, que ele poderá passar pelo crivo ideológico e pelo crivo da competência. Votar em um candidato sabendo que ele é desonesto, com o argumento de que "rouba mas faz", ou então, "rouba mas é ideologicamente confiável", é algo fora de cogitação nos países politicamente desenvolvidos.

No Brasil há quem acredite que a passagem do primeiro para o segundo argumento seria uma indicação de avanço político. O eleitor continua a votar imoralmente, mas passou de um critério meramente personalista para um critério ideológico. Não vejo, entretanto, nenhum avanço nessa passagem. Votar em um candidato sabidamente desonesto porque ele é conservador, como há muita gente de

direita hoje pensando em fazer nas próximas eleições em São Paulo, é um sinal de subdesenvolvimento político e de relaxamento moral contristadores.

Votar de acordo com princípios é fundamental. Mas o primeiro princípio é o moral. Pessoalmente eu prefiro um candidato de centro-esquerda a um de centro-direita, mas se o candidato afinal eleito for de esquerda ou de direita, isto não fará diferença em termos de desenvolvimento político. A alternância no poder é própria das democracias. Entretanto, se for eleito um candidato sabidamente desonesto, o atraso político que isto representa será enorme. Um sistema político se desenvolve e a democracia se consolida quando há um mínimo de confiança nos governantes, quando os governantes e o próprio regime político que lhes garante o poder não está desmoralizado. Ora, eleger candidatos reconhecidamente desonestos é por definição desmoralizante. Desmoraliza o regime político e o próprio eleitor, que se equipara a quem ele procura eleger.